

Estabilidade apressa revolução nos seguros 147

Júlio de Albuquerque Bierrenbach*

Quase ninguém duvida de que os próximos anos serão de grande desenvolvimento para o mercado segurador. Mais especialmente para os seguros de pessoas.

Tendo sido os seguros de vida e a previdência privada especialmente prejudicados pela inflação, é natural que agora, num cenário estabilizado, retomem a distância para os ramos elementares.

Em geral a atividade de seguros teve um comportamento abaixo do normal em nosso país. Sua participação no PIB sempre ficou um pouco acima de 1%, enquanto internacionalmente o setor se encontra em torno de 5%.

Como a alta inflação era dos maiores motivadores dessa situação de estagnação, as primeiras reações ocorreram de forma automática. A participação subiu de 1,2844% em 1992 para 2,2352% em 1994 e 2,5% (estimativa) em 1995.

A produção de seguros de vida triplicou em dois anos, enquanto a de seguro-saúde mais que duplicou em igual período. As demais carteiras cresceram 60% no biênio.

Ramos elementares - Não há razão para que sua expansão se-

ja muito acima do próprio País nos próximos anos. Espera-se que dentro de cinco anos chegue esse conjunto de ramos a ter uma participação equivalente a 2,5% do PIB.

Seguro-saúde - Desde 1990 o mercado segurador conquistou 3,15 milhões de clientes nessa modalidade de cobertura. Na prática ainda não se estendeu o mercado ao interior do País, onde suas perspectivas são excepcionais.

Seguro-saúde, medicina de grupo e cooperativas médicas podem agregar por ano 3 milhões de novos beneficiários

Dessa participação de 9% do mercado de planos médicos observada no presente, estima-se que os seguros possam cobrir 27% no ano 2001.

O mercado de seguro-saúde, medicina de grupo, cooperativas médicas e os diferentes sistemas de autogestão cobrem hoje 35 milhões de pessoas. A demanda crescente faz prever que a cada ano, com uma melhor distribuição de renda, possamos agregar 3 milhões de novos beneficiários.

O mercado segurador espera poder captar um terço desse to-

tal. Outros 5 milhões de clientes poderão ser conquistados no interior do País, onde hoje operam monopolisticamente algumas cooperativas médicas e dentre os funcionários de empresas de menos de 2 mil empregados que ainda hoje, sem nenhuma economia de escala, operam onerosos sistemas de autogestão.

Seguro de vida - Apesar da enorme reação dos últimos dois anos, com o mercado triplicado em tão curto espaço de tempo, ainda há muito por acontecer. O mercado nos próximos anos poderá até voltar a multiplicar-se, aproximando-se rapidamente do volume de prêmios de ramos elementares. Afinal por que seria o Brasil diferente de outros países atualmente mais desenvolvidos?

No caminho desse crescimento o mercado deverá lutar por uma participação importante na captação de poupança de longo prazo que na maioria dos países é própria do seu respectivo mercado segurador. Sendo também nesses países estável alavanca de desenvolvimento, o seguro de vida recebeu em cada país estímulos fiscais que de imediato chegarão também ao Brasil.

As reservas de produtos totais e outros de reserva matemática poderão rapidamente chegar a R\$ 100 bilhões, mais

do que conta hoje toda a previdência privada.

Previdência privada - Inúmeros governos anteriores fizeram de tudo para ocultar os problemas de nossa Previdência Social. Se não conseguiram convencer a muitos, lograram pelo menos que os cidadãos não tivessem em previdência a mesma consciência que tiveram na saúde.

Com pouca demanda de clientela, as entidades abertas não se interessaram por oferecer produtos adequados e a preços satisfatórios, mantendo-se alheias ao desenvolvimento da previdência privada. Os ativos hoje operados por essas entidades abertas não ultrapassam US\$ 1,5 bilhão, o que, convenhamos é simbólico para nosso país.

Os ativos operados pelas entidades de previdência privada somam US\$ 1,5 bilhão, o que é simbólico para o País

Tinha-se ainda que lidar com problemas de moeda, indexadores não confiáveis, mudanças constantes nas regras do jogo.

A previdência fechada, muito baseada em empresas estatais (que costumavam ser bastante liberais em seu patrocínio), não ultrapassou os R\$ 60 bilhões.

A estabilização do País com

natural alongamento nos prazos de investimentos, a melhor distribuição de renda e uma crescente conscientização da população para os problemas da Previdência Social farão em seu conjunto que a previdência privada atinja nos próximos dez anos ativos totais de R\$ 200 bilhões.

As entidades abertas, uma vez que tenham encontrado sistemas modernos de gestão, poderão oferecer produtos mais baratos que os custos das fundações, devendo ocupar a mais importante parte desse mercado, como terminou ocorrendo no seguro-saúde.

Os estímulos fiscais recentemente criados poderão aumentar muito a velocidade desse processo. Até porque já ninguém pode depender das reformas constitucionais.

Resseguro - É relativamente simples a análise prospectiva desse segmento.

O monopólio liquidou com os sistemas clássicos de resseguros no Brasil. Com o final do monopólio, o mercado reaprenderá a ressegurar e dentro de dez anos voltaremos ao normal. É esperada a exigência de que as resseguradoras internacionais tenham que se estabelecer no Brasil para aqui operar.

Acidentes do trabalho - Mes-

mo que se privatize o ramo ou que se flexibilize o monopólio do Estado, ainda haverá muito que discutir com relação aos acidentes do trabalho. Afinal essa carteira depende fundamentalmente da clareza dos limites de coberturas do Estado e da iniciativa privada. No caso específico da iniciativa privada, dos limites entre o seguro-saúde, o de responsabilidade civil do empregador e o de acidente pessoal.

Como o Estado quer passar toda a responsabilidade à previdência privada e como esta não estará disposta a aceitar essa passagem, muita discussão terá de fazer-se antes de se chegar a um denominador comum. Afinal nossa vizinha Argentina está aí para lembrar-nos que a indefinição de fronteiras de cobertura pode levar à Justiça uma avalanche de ações e disputas entre os diferentes participantes do sistema.

A discussão entre seguradores no Brasil é quanto ao prazo da revolução da área de seguros. Qualitativamente, todos estamos convencidos, de que o mercado chegará rapidamente a 5% do PIB caso se mantenha uma certa estabilidade da economia e venha a tão esperada distribuição de renda.

* Vice-presidente de Seguros de Pessoas da Sul América